



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Mulheres na arbitragem do Rio Grande do Sul
Autor	ANA CAROLINA VIEIRA SILVA
Orientador	SILVANA VILODRE GOELLNER

MULHERES NA ARBITRAGEM DO RIO GRANDE DO SUL

Ana Carolina Vieira Silva¹

Pamela Siqueira Joras²

Imagine-se assistindo a uma partida de futebol. Você está na arquibancada de um grande estádio, muitos torcedores ao seu lado, o jogo está bem acirrado, foi marcado um pênalti, toda a comissão técnica do time adversário invade o campo para reclamar... Agora, sem pensar muito, responda minhas perguntas: O torcedor ao seu lado, que estava agitado e xingando, era homem ou mulher? O técnico gesticulando ao lado do gramado, era homem ou mulher? Os jogadores, eram homens ou mulheres? O som do apito, junto com o gesto para a marca do pênalti, veio de um homem ou de uma mulher? O assistente que subiu a bandeira para auxiliar na marcação do pênalti, era homem ou mulher? A grande maioria dos brasileiros iriam responder que imaginaram homens, o futebol na nossa cultura pertence ao universo masculino, assim como Bandeira e Seffner trazem o “estádio de futebol é um contexto cultural específico que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades” (2013, p 247).

Entretanto, algumas mulheres estão conquistando cada dia mais espaços, sejam elas como jogadoras, gestoras, torcedoras ou árbitras. E descobrir as motivações e dificuldades das seis árbitras que estão atuando no quadro da Federação Gaúcha de Futebol é o objetivo desse trabalho. Dar visibilidade e protagonismo para as mulheres que, normalmente, são postas às margens da prática desse esporte.

A metodologia utilizada será a história oral, que busca recontar fatos através das sensações que as pessoas tiveram, sendo vista também como uma fonte de pesquisa e investigação científica (GOELLNER et. al, 2007). O Garimpando Memórias é a ferramenta utilizada para realizar e processar as entrevistas das mulheres investigadas nesse estudo,

“[...]cujo objetivo geral é a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul. Sua principal ação está direcionada para coleta de depoimentos de pessoas que tiveram e tem relevância no campo da estruturação e legitimação dessas práticas, sejam elas individuais, de grupos/clubes sociais e de instituições.” (GOELLNER et. al, 2007, p. 40)

¹ Graduanda em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aninha_3025@hotmail.com.

² Doutoranda em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pamelas.joras@gmail.com.

Na entrevista as árbitras serão convidadas a falar sobre suas trajetórias, motivações, dificuldades, desejos e situações inusitadas de suas atuações. São elas, na categoria A: Andreza Vanni Mocelin, Luiza Naujorks Reis e Maíra Mastella Moreira. E na categoria C: Ariela Duarte da Silveira, Estefani Adriati Estrela da Rosa e Taís Regina Ruver. E principalmente expressar seus sentimentos quanto a estarem inseridas em um universo masculino.

O resultado das buscas por publicações sobre mulheres na arbitragem foi encontrado o trabalho de Igor Chagas Monteiro, “Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional”, sua dissertação de mestrado. Ele entrevistou 10 árbitras que atuaram nas décadas de 1980, 1990 e 2000. Além desse também temos o estudo da Lilian Kirsch de Farias, “AS ÁRBITRAS MULHERES: aspirações e expectativas em torno de uma profissão.”, que pesquisou as aspirações de 14 mulheres que participaram de um curso realizado pela Federação Gaúcha de Arbitragem em 2014.

A presente pesquisa ainda está em andamento, as entrevistas estão sendo realizadas e processadas. Por enquanto a árbitra assistente Ariela Duarte já aceitou o convite e falou um pouco sobre sua carreira. A entrevista teve um caráter bem emocional, ela trouxe impressões fortes e específicas sobre a arbitragem. No seu entendimento

“[...] acho que a mulher tem que ocupar o lugar que ela quer. Tem muitas meninas que querem jogar [...] e hoje, graças a Deus e a toda mobilização que está acontecendo elas tem oportunidade de jogar sem serem criticadas. Mais ou menos, eu sei, mas muito mais do que cinco anos atrás.”
(DUARTE, 2018, s/p)

A falta de árbitras centrais mulheres na Federação Gaúcha, assim como a pouca valorização das que atuam por parte da mídia e da sociedade como um todo, faz com que o nosso trabalho ganhe força. A representatividade é importante seja no âmbito político e social, assim como no futebol. As árbitras do estudo representam muitas outras mulheres que aspiram nessa carreira e não encontram apoio para seguir em frente. Portanto, ouvir e (re)conhecer a trajetória e as impressões dessas mulheres é o nosso grande objetivo, dar reconhecimento e visibilidade à quem também constrói a história da arbitragem no país.

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. Espaço Plural. Toledo, v.14, n.29, 2013.

FARIAS, Lilian Kirsch de . As mulheres árbitras : aspirações e expectativas em torno de uma profissão. 2014. 40 p. Conclusão de curso (Bacharela em Educação Física)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116151/000964697.pdf?sequence=1>>.
Acesso em: 18 maio 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre ; JAEGER, Angelita Alice (Org.). Garimpando Memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 178 p.

MONTEIRO, Igor Chagas . Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional. 2016. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal

de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em:
<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3151/1/igorhagasmonteiro.pdf>>. Acesso em:
18 maio 2018.

SILVEIRA, Ariela Duarte da. Depoimento de Ariela Duarte. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2018.